



Lixo nas ruas mostra abandono do bairro

Jardim Camburi: um falso luxo sem infra-estrutura

Deficiências. Esta é a constatação que faz à primeira vista quem chega ou passa por Jardim Camburi. Em meio às luxuosas residências, indicativas de um bairro de classe média, o convívio diário com a falta de infra-estrutura. E, a partir das conversas com moradores, as muitas queixas sobre os problemas que enfrentam. Além da sujeição contínua à poluição vinda do Porto de Tubarão, eles carecem de abastecimento regular de água, de iluminação mais eficiente e calçamento das ruas, de coleta sistemática de lixo, de construção de rede de esgotos e de policiamento.

Um levantamento feito pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil demonstrou, segundo seu presidente, João Luiz Tovar, que o volume de obras projetadas e em construção no bairro até o ano de 1985 gira em torno de quatro mil unidades. Isto significa, em seu entender, que até aquele ano a população atual, em torno de quatro mil habitantes, deverá dobrar praticamente. E ainda, em sua opinião, "faz-se necessário que concessionárias como Escelsa, Telesi, Cesan e Prefeitura de Vitória tomem as medidas cabíveis para evitar os problemas, que aumentarão", num bairro onde o metro quadrado de terra custa hoje Cr\$ 9 mil.

SUGERINDO MEDIDAS PREVENTIVAS

Aliás, o Sindicato enviou o resultado de seu levantamento, há mais de um ano, àqueles órgãos, alertando-os sobre a necessidade, como explicou o presidente, de que eles se aparelhassem para que o bairro seja dotado de infra-estrutura, de modo a que não aumentem os atuais problemas. Contudo, apenas a Cesan se pronunciou a respeito até agora. Explicou João Luiz Tovar que o presidente daquela entidade, Paulo Miranda, informou que, a partir do final deste ano, Jardim Camburi será dotado de um abastecimento significativo de água, quando passará a funcionar o sistema de Carapina e estarão concluídas as obras de uma adutora para abastecer a zona Norte.

Mas, enquanto o final do ano não chega, conviverão os moradores com a falta de água. A vendedora de roupas conhecida como "Help" disse que em algumas ruas falta água por mais de 15 dias seguidos, não obstante as contínuas queixas à Cesan. As contas, obviamente, não deixam de aparecer todo final de mês. Alguns moradores valem — se de abastecimento particular, como o feito pela Transágua Ltda., que cobra Cr\$ 15 mil por 10 mil litros de água. Excetuando as construtoras do bairro, a empresa informou que são feitas semanalmente em média cinco viagens de água para as residências de Jardim Camburi.

salmente dois casos de arrombamento, contra os dois por semana até maio de 82". "Nós — acrescentou — procuramos melhorar isto aqui praticamente no peito. Da Secretaria de Segurança não recebemos apoio nenhum. E, para ter uma subdelegacia decente, também contamos com o apoio de comerciantes locais.

Foram eles que se cotizaram para a construção da subdelegacia, que anteriormente, segundo contou Guaracy Martins Carvalho, eram "apenas quatro paredes com uma divisória de taipá". Hoje, o prédio, embora pequeno, oferece condições de trabalho, embora sejam mini-dependências, como as classificou o subdelegado. A Secretaria de Segurança — explicou ele — não colocou aqui nenhuma pedra para a construção do prédio. E nós nem pedimos, porque eles não iam dar mesmo.

Sabe-se, embora os moradores não queiram assumir as denúncias temendo represálias, que Jardim Camburi é um foco de traficantes de drogas. O subdelegado disse que, junto aos policiais, tem tentado "por fim aos maconheiros, mas este é um problema de difícil solução, pois há o apoio de gente grande, o que prejudica a atuação dos policiais".

Dificilmente se encontra alguma empregada que queira trabalhar no bairro. "mesmo que se ofereça o mais alto salário", observou "Help". Esta dificuldade, em sua opinião, deve-se à constante poluição de carvão e minério de ferro vinda de Tubarão e que provoca inúmeros casos de alergia, conjuntivite e dores de garganta. "Aqui — comentou em tom pejorativo — está todo mundo virando E.T., todo mundo de olho esbugalhado".

Ela disse ainda que por mais ou menos três meses os moradores estiveram livres da poluição, quando a CST utilizou o sistema de molhar o carvão, mas agora os problemas de poluição voltaram. E ainda em tom de brincadeira, observou. "Aqui a gente anda brilhando de minério. Quando a gente chega a cidade, basta olhar para os nossos sapatos que já se sabe que moramos em Jardim Camburi".

São muitos os terrenos baldios e em quase todos há presença de montes de lixo. Neles, como comentou Lacy Abbale, morador no bairro há dez anos, proliferam ratos, cobras, mosquitos e escorpões. "Dificilmente — continuou — a gente vê garis na rua. Ainda na gestão de Carlito e na de prefeitos anteriores, fizemos vários abaixo-assinados e os enviamos à Prefeitura solicitando uma coleta diária de lixo. Nunca nos atenderam".

Embora bairro de classe média, a parte mais nova de Jardim Camburi tem apenas duas ruas calçadas: a Fortunato Abreu Gagno e a Silvino Grecco, ambas dando acesso à praia. Quando chove, tornam-se praticamente intransitáveis e...

luxo sem infra-estrutura

Deficiências. Esta é a constatação que faz à primeira vista quem chega ou passa por Jardim Camburi. Em meio às luxuosas residências, indicativas de um bairro de classe média, o convívio diário com a falta de infra-estrutura. E, a partir das conversas com moradores, as muitas queixas sobre os problemas que enfrentam. Além da sujeição contínua à poluição vinda do Porto de Tubarão, eles carecem de abastecimento regular de água, de iluminação mais eficiente e calçamento das ruas, de coleta sistemática de lixo, de construção de rede de esgotos e de policiamento.

Um levantamento feito pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil demonstrou, segundo seu presidente, João Luiz Tovar, que o volume de obras projetadas e em construção no bairro até o ano de 1985 gira em torno de quatro mil unidades. Isto significa, em seu entender, que até aquele ano a população atual, em torno de quatro mil habitantes, deverá dobrar praticamente. E ainda, em sua opinião, "faz-se necessário que concessionárias como Escelsa, Telesi, Cesan e Prefeitura de Vitória tomem as medidas cabíveis para evitar os problemas, que aumentarão", num bairro onde o metro quadrado de terra custa hoje Cr\$ 9 mil.

SUGERINDO MEDIDAS PREVENTIVAS

Aliás, o Sindicato enviou o resultado de seu levantamento, há mais de um ano, àqueles órgãos, alertando-os sobre a necessidade, como explicou o presidente, de que eles se aparelhassem para que o bairro seja dotado de infra-estrutura, de modo a que não aumentem os atuais problemas. Contudo, apenas a Cesan se pronunciou a respeito até agora. Explicou João Luiz Tovar que o presidente daquela entidade, Paulo Miranda, informou que, a partir do final deste ano, Jardim Camburi será dotado de um abastecimento significativo de água, quando passará a funcionar o sistema de Carapina e estarão concluídas as obras de uma adutora para abastecer a zona Norte.

Mas, enquanto o final do ano não chega, conviverão os moradores com a falta de água. A vendedora de roupas conhecida como "Help" disse que em algumas ruas falta água por mais de 15 dias seguidos, não obstante as contínuas queixas à Cesan. As contas, obviamente, não deixam de aparecer todo final de mês. Alguns moradores valem — se de abastecimento particular, como o feito pela Transágua Ltda., que cobra Cr\$ 15 mil por 10 mil litros de água. Excetuando as construtoras do bairro, a empresa informou que são feitas semanalmente em média cinco viagens de água para as residências de Jardim Camburi.

COMO TRABALHAR?

Arrombamentos de residências não faltam no bairro, comentou "Help". Sem falar nos assaltos. "Às vezes, ironizou ela, vai-se à venda de bicicleta e se volta para casa a pé. Existe uma subdelegacia, mas não tem nenhuma viatura para fazer a ronda". Para tentarem evitar os arrombamentos, algumas pessoas se organizam e contratam serviços particulares de empresas de vigilância. "Tenho muitos conhecidos que utilizam este sistema porque não querem correr o risco de ir a uma praia num domingo e terem sua casa arrombada".

Embora tenha dito que são mínimos os casos de assaltos registrados, o subdelegado do bairro, Guaracy Martins Carvalho, confirmou ser praticamente impossível levar a bom termo os serviços de policiamento. Contou que os 12 policiais civis trabalham em precárias condições e, se dois deles têm revólveres, eles os compraram, porque os inúmeros pedidos à Secretaria de Segurança no tocante a se dotar a subdelegacia de armamentos não foram atendidos.

Deficiência no sistema de comunicação — a subdelegacia não possui ao menos um telefone — impede que se realize um plantão após as 22 horas. "Não há condições de se trabalhar", queixou-se o subdelegado, comentando ainda que a única viatura, um Opala 74, estava em condições tão ruins quando assumiu em maio passado que, para restaurá-lo, contou com a ajuda de alguns comerciantes locais, porque a Secretaria iria recolhê-lo e até hoje não providenciou recursos para a substituição de peças danificadas.

DEFICIÊNCIAS E INSEGURANÇA

Disponho de apenas 50 litros semanais de gasolina para fazer o policiamento do bairro, numa viatura sempre com defeitos, sem armamentos e sem um sistema de comunicação, o subdelegado opinou que, "em vista do que se encontra hoje, são menores os problemas de insegurança em Jardim Camburi. Hoje são registrados men-

Joecir Secreta



Dona Marina espera de Berredo atenção para os problemas do Jardim Camburi

salmente dois casos de arrombamento, contra os dois por semana até maio de 82". "Nós — acrescentou — procuramos melhorar isto aqui praticamente no peito. Da Secretaria de Segurança não recebemos apoio nenhum. E, para ter uma subdelegacia decente, também contamos com o apoio de comerciantes locais.

Foram eles que se cotizaram para a construção da subdelegacia, que anteriormente, segundo contou Guaracy Martins Carvalho, eram "apenas quatro paredes com uma divisória de taipá". Hoje, o prédio, embora pequeno, oferece condições de trabalho, embora sejam mini-dependências, como as classificou o subdelegado. A Secretaria de Segurança — explicou ele — não colocou aqui nenhuma pedra para a construção do prédio. E nós nem pedimos, porque eles não iam dar mesmo.

Sabe-se, embora os moradores não queiram assumir as denúncias temendo represálias, que Jardim Camburi é um foco de traficantes de drogas. O subdelegado disse que, junto aos policiais, tem tentado "por fim aos maconheiros, mas este é um problema de difícil solução, pois há o apoio de gente grande, o que prejudica a atuação dos policiais".

Dificilmente se encontra alguma empregada que queira trabalhar no bairro, "mesmo que se ofereça o mais alto salário", observou "Help". Esta dificuldade, em sua opinião, deve-se à constante poluição de carvão e minério de ferro vinda de Tubarão e que provoca inúmeros casos de alergia, conjuntivite e dores de garganta. "Aqui — comentou em tom pejorativo — está todo mundo virando E.T., todo mundo de olho esbugalhado".

Ela disse ainda que por mais ou menos três meses os moradores estiveram livres da poluição, quando a CST utilizou o sistema de molhar o carvão, mas agora os problemas de poluição voltaram. E ainda em tom de brincadeira, observou, "Aqui a gente anda brilhando de minério. Quando a gente chega a cidade, basta olhar para os nossos sapatos que já se sabe que moramos em Jardim Camburi".

São muitos os terrenos baldios e em quase todos há presença de montes de lixo. Nelis, como comentou Lacy Abbale, morador no bairro há dez anos, proliferam ratos, cobras, mosquitos e escorpiões. "Dificilmente — continuou — a gente vê garis na rua. Ainda na gestão de Carlito e na de prefeitos anteriores, fizemos vários abaixo-assinados e os enviamos à Prefeitura solicitando uma coleta diária de lixo. Nunca nos atenderam".

Embora bairro de classe média, a parte mais nova de Jardim Camburi tem apenas duas ruas calçadas: a Fortunato Abreu Gagno e a Silvino Grecco, ambas dando acesso à praia. Quando chove, tornam-se praticamente intransitáveis e, quando faz sol, há o convívio com a poeira. Ainda em janeiro deste ano, cansada da situação da sua rua, Ivete de Souza Oliveira, proprietária da firma Preservil, pagou Cr\$ 87.628,00 a uma pedreira de Carapina para jogar pó de pedra em trechos próximos à sua casa.

TRANSPORTE

Melhoria de transporte coletivo é uma das outras reivindicações dos moradores. O bairro é servido pelas viagens Serrana, e Paratodos, mas, devido à grande população, há queixas quanto ao número de coletivos. Observou "Help" que são eficientes os serviços prestados pela Paratodos, mas os ônibus demoram mais de 45 minutos para irem e voltarem da cidade e os que vêm do bairro de Fátima, passando por Jardim da Penha, chegam ali lotados.

Ao Detran e à Prefeitura de Vitória foram enviados muitos abaixo-assinados solicitando mais linhas de ônibus, pedidos também sem resposta, segundo ela explicou. Carecem também os moradores de pontos de táxi. Em casos de emergência, comentou Ivete, os moradores têm que andar até a praia ou então telefonar para pontos de táxi na cidade ou em Goiabeiras e arcar com o preço cobrado pelo retorno.

Muitas outras reclamações partem dos moradores. Necessidade de áreas de lazer, de sinalização nas ruas, de escolas públicas, de postos de saúde e de construção de supermercados. E, no que diz respeito às realizações do Governo Camata, "não faltam as esperanças de mudança". Nós — comentaram Ivete e "Help" — acreditamos no governador e no prefeito de Vitória. De Berredo esperamos que mande limpar as ruas e exija dos proprietários de terrenos baldios que capinem o matagal que os invade e que os mande cercar. Porque os ratos que saem destes locais são tão grandes que parecem coelhos".

SEM ORGANIZAÇÃO

Mesmo enfrentando tantos problemas, não existe no bairro uma Associação de Moradores ou um Centro Comunitário. Há pelo menos dez anos, como disse Ivete, está se tentando organizar a criação de um Centro Comunitário e, embora possuam terreno, não há recursos para a construção da sede. A participação da comunidade, salientou "Help", é mínima, parada mesmo, apesar de a Acejac, Associação Comunitária de Jardim Camburi, estar registrada legalmente há três anos.

A pouca participação faz com que não se concretizem ainda as idéias de construção de uma igreja católica, mesmo já se tendo um terreno onde falta apenas um aterro. Por ora, as missas, uma vez por semana, são realizadas na casa do tesoureiro da Associação. De uma certa maneira, para "Help", a desorganização dos moradores faz com que eles tenham que conviver com os problemas num bairro de "classe média em extinção. Este aqui é um bairro de deslumbrados. Todo mundo morre duro, mas não perde a pose", finalizou ironicamente.